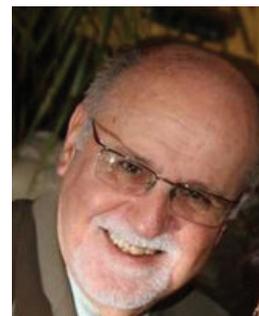


Entrevista

Dr. Jorge Naufal

Participação no Departamento Científico na Década de 60



RM: Por que o Sr. decidiu cursar medicina? As expectativas do Sr. foram atendidas?

JN: Desde a mais tenra idade sentia uma profunda admiração pelo homem de branco, pelo qual as pessoas tinham um enorme respeito. Antigamente nas pequenas cidades do interior do Estado de São Paulo o médico era visto como uma pessoa especial e considerada autoridade no município. Até há 20 anos, as expectativas foram atendidas, porém de lá para cá, com a socialização da medicina, a profissão médica foi banalizada. Infelizmente o médico é considerado agora empregado do convênio e a humanização da Medicina sofreu um esfriamento.

RM: Pensando na atuação hoje já como médico, como surgiu a iniciativa de escrever livros a respeito da área ginecológica e obstétrica? E de promover palestras e outras ações sociais? Para que público são voltadas e que assuntos abordam?

JN: Sempre gostei de dar orientação às minhas clientes, dar palestras em escolas, igrejas, como ação comunitária social. Quando foi inaugurada a Neomater Maternidade, da qual eu era um dos sócios, ocorreu-me a idéia de fazer um curso pré-natal para o casal gestante, para o público leigo.

RM: Voltando um pouco para a época acadêmica do Sr., como era a grade curricular da FMUSP de sua época?

JN: A grade curricular daquela época era a mais desenvolvida possível, pois a FMUSP era considerada

Classe A e tinha subvenção da Fundação Rockefeller. Também era Governador do Estado de São Paulo o médico Adhemar de Barros e a Escola e o Hospital das Clínicas eram considerados “menina dos olhos dele”; mas é obvio que de lá até hoje houve um salto gigantesco nos conhecimentos, especialização e tecnologia (não havia ultrassonografia, endocrinologia feminina, o conhecimento dos hormônios ainda era pequeno, não havia tomografia, ressonância, vídeo e etc.).

RM: Qual tradição da FMUSP foi mais memorável?

JN: No tempo que cursei os seis anos o trote tinha sido abolido, as duas maiores tradições eram o Show Medicina e, a Mac-Med. Particpei de ambas, inclusive no Show Medicina do 6º ano, o primeiro quadro foi uma homenagem dos colegas a minha pessoa.

RM: Havia muitas extensões para participar? De quais o Sr. participou? Como se dava o relacionamento entre elas?

JN: As extensões de que participei eram os cursos promovidos pelo Departamento Científico do CAOC, atuei na Liga de Combate a Febre Reumática, Liga de Combate a Sífilis e do Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD) que funcionavam no Hospital das Clínicas aos sábados.

RM: Durante sua graduação, o senhor atuou como acadêmico plantonista na Maternidade de São Paulo e na Casa Maternal Leonor Mendes de

Formado pela 47ª turma da FMUSP e se especializou na área de Ginecologia e Obstetrícia. Foi um dos responsáveis pela fundação do Hospital e Maternidade Neomater em 1978, local que foi referência por décadas em atendimento neonatal. Ministra diversas palestras e cursos a respeito de temas como Educação Sexual, DST, Saúde da Mulher e Menopausa em igrejas e escolas do ABCD e de São Paulo. É autor dos livros Gravidez, Um Caminho Seguro e Menopausa, Andropausa, Climatério.

Barros, ambas aqui na capital. Como e quando surgiu essa oportunidade? Qual o seu peso na então futura escolha de Ginecologia/Obstetrícia como especialidade? E nos dias de hoje, quais são as grandes oportunidades que podem surgir para um graduando?

JN: Naquele tempo a maior parte dos colegas queria fazer Cirurgia Geral e os que pensavam em ir para cidades menores deveriam saber fazer principalmente Obstetrícia, pois ainda não havia um conceito rígido de especialização como hoje. Era então comum fazermos um pequeno curso e depois concurso para darmos plantão nas maternidades públicas para assistência a indigentes. Isto era comumente feito no início do quarto ano. Como na matéria de Ginecologia e Obstetrícia (que era matéria única), tirei nota dez, o preceptor convidou-me após o primeiro ano de Residência de Cirurgia Geral (que era obrigatória para todas as especialidades cirúrgicas) a fazer R2 e R3 de G.O., o que aceitei prontamente. Hoje nas grandes cidades há muita oportunidade para os graduados, principalmente no Estado de São Paulo, pois a rede hospitalar esta bem montada e modernizada com todos os recursos para exercer medicina de alto padrão.

RM: O que levou o Sr. a participar da diretoria do DC nos anos 1960? E da Revista de Medicina?

JN: Como meus pais moravam distante da Capital e eu vivia sozinho procurei participar do máximo que era possível dentro da Faculdade.

RM: Como funcionava o DC daquela época? Quais eram as funções do Departamento?

JN: O DC e a Revista de Medicina eram muito limitados e dependia de poucos colegas que procuravam com dispêndio de tempo e esforço organizar cursos e a revista.

RM: Como foi a evolução da RevMed naquela

década? Houve algum momento da dificuldade?

JN: Dificuldades sempre houveram, mas nada que impedisse seu funcionamento.

RM: As expectativas ao entrar no DC foram atendidas? O Sr. teria feito alguma coisa diferente naquela diretoria caso fosse possível voltar no tempo?

JN: As expectativas eram pequenas e limitadas, julgo que seria difícil mudá-las.

RM: Quais os aprendizados principais obtidos ao participar dessa extensão?

JN: Sem dúvida houve uma grande ampliação dos conhecimentos com a revista e os cursos extracurriculares.

RM: A situação política do Brasil naquela década influenciou de maneira importante o Departamento Científico? Como?

JN: Difícil opinar, pois quando ocorreu o golpe militar estava fazendo o internato, mas creio que não houve muita mudança neste período.

RM: Quais valores do DC e da RevMed o Sr. acha que os membros devem preservar ao longo das gestões?

JN: Hoje com as super especializações, fica difícil fazer uma Revista abrangente, mas as questões básicas têm que ser discutidas em profundidade.

RM: Para os alunos que estão iniciando agora a vida acadêmica, quais sugestões o Sr. daria?

JN: Usar de muita humildade e humanidade, e ser sempre responsável.